DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR E AS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO NA BNCC DO ENSINO FUNDAMENTAL

DIALOGUES BETWEEN SCHOOL FINANCIAL EDUCATION AND THE DIFFERENT AREAS OF KNOWLEDGE AT THE BNCC OF ELEMENTARY SCHOOL

Danilo Pontual de Melo

Mestre em Educação Matemática e Tecnológica
Universidade Federal de Pernambuco - Pernambuco - Brasil

danilopontualufpe@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-1856-2357>

Glauciane da Silva Vieira

Mestre em Educação Matemática e Tecnológica
Universidade Federal de Pernambuco - Pernambuco - Brasil

glauciane.vieira@ufpe.br
<http://orcid.org/0000-0001-8879-9950>

Suedy Santos de Azevedo

Mestre em Educação Matemática e Tecnológica
Universidade Federal de Pernambuco - Pernambuco - Brasil

suedyxd@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-8724-6470>

Cristiane Azevêdo dos Santos Pessoa

Doutora em Educação
Universidade Federal de Pernambuco - Pernambuco - Brasil

cristianepessoa74@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-5434-8999>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo identificar e analisar as habilidades que se aproximam da Educação Financeira Escolar (EFE) na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) de forma transversal a todas as áreas de conhecimento. Utilizamos como fonte de pesquisa as habilidades que compõem a BNCC para o Ensino Fundamental e como técnica para discussão dos resultados a Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Identificamos diálogos entre a EFE e todas as áreas do conhecimento. Na área de Linguagens não conseguimos identificar possibilidade de diálogo apenas no componente de Língua Inglesa. Advogamos que, como

Tema Contemporâneo Transversal, e de acordo com o que identificamos nas habilidades, a EF deve, na prática vivenciada nas escolas, perpassar por todas as áreas do conhecimento, estabelecendo diálogos que convergem para a formação integral dos estudantes como sujeitos participantes de uma sociedade cada dia mais complexa e que não considere apenas os aspectos matemáticos envolvidos nas situações de EFE.

Palavras-Chave: Educação Financeira Escolar. Áreas do conhecimento. BNCC. Ensino Fundamental. Diálogo.

Abstract

The purpose of this research is to identify and analyze the skills that come close to School Financial Education (EFE) at the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) of Elementary Education in the first years (1st to 5th year) and final years (6th to 9th year) in a panoramic way of all areas of knowledge. We used as a research source the skills that make up the BNCC for Elementary Education and as a technique for discussing the results, Bardin's Content Analysis (1977). We have identified dialogues between EFE and all areas of knowledge. In the Languages area, we were unable to identify the possibility of dialogue only in the English language component. We claim that, as a Contemporary Cross-cutting Theme, and according to what we identify in the skills, EFE should, in the practice experienced in schools, go through all areas of knowledge, establishing dialogues that converge to the integral formation of students as subjects participating in an increasingly complex society that does not consider only the mathematical aspects involved in EFE situations.

Keywords: School Financial Education. Areas of knowledge. BNCC. Elementary Education. Dialogue.

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em sua última versão (BRASIL, 2018), evidencia a importância dos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), que buscam, de acordo com o Ministério da Educação (MEC), promover a “contextualização do que é ensinado, trazendo temas que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão” (BRASIL, 2019, p. 7).

De acordo com o que está posto na BNCC, o trabalho com os TCTs deve alcançar quatro objetivos: problematizar a realidade e as situações de aprendizagem; superar a concepção fragmentada do conhecimento para uma visão sistêmica; integrar as habilidades e competências curriculares à resolução de problemas e promover um processo educativo continuado, entendendo o conhecimento como uma construção coletiva. Para que isso seja possível, é orientado que “cabe aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-los de forma contextualizada” (BRASIL, 2018, p. 19). Entendemos que tratar os TCTs de forma contextualizada significa afirmar que suas abordagens devem acontecer de forma transversal às diversas áreas do conhecimento, que o ensino seja um ponto de encontro e de diálogo entre os

diversos campos de saberes e das diferentes ciências e que as discussões contribuam para a realidade social dos estudantes.

Nessa perspectiva, embora a inserção dos TCTs não seja uma proposta curricular inédita, de acordo com o MEC, eles “têm a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada e de fazer conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades” (BRASIL, 2019, p. 5). Os TCTs aparecem como forma de proporcionar aos estudantes uma educação para além dos conteúdos pré-definidos, possibilitando o contato com problemáticas presentes no dia a dia, que os ajudem a viver em sociedade, que saibam dos seus direitos e deveres e respeitem as diferenças, sejam elas sociais, religiosas, culturais, socioeconômicas, de gênero, entre outras.

Dentre os TCTs elencados pela BNCC está a Economia, que por sua vez tem como um dos tópicos a Educação Financeira (EF). A inclusão da temática de forma oficial no documento reforça o que vem sendo defendido por pesquisadores da área (PESSOA, 2016; SANTOS, 2017; AZEVEDO, 2019; MELO, 2019; MENDONÇA, 2020; VIEIRA, 2021), a importância que os estudantes tenham contato desde cedo com as discussões que permeiam a vida em sociedade, inclusive sobre a sua relação com as finanças para que compreendam de que forma essa relação interfere em outras áreas no âmbito pessoal e social.

Dessa forma, ao tratarmos da expressão EF, pretendemos, nesse território educacional, apresentá-la de forma imbricada, sobreposta, associada e relacionada, desfocando assim um olhar primeiro da palavra financeira, valorizando a perspectiva educacional, visto que é natural as pessoas associarem instantaneamente ao gerenciamento de finanças, no entanto, o que percebemos é que antes de tratar de aspectos relacionados ao dinheiro, é preciso compreender a importância do termo educação.

Conforme apontado acima, acreditamos que pelo fato de a educação envolver os processos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e nas organizações da sociedade civil, é preciso que a EF esteja ligada a essas questões. Desse modo, defendemos a importância da Educação Financeira Escolar (EFE), em uma perspectiva crítica, política e reflexiva a respeito das relações estabelecidas pelos sujeitos com as finanças e suas implicações no modo pelo qual a sociedade está organizada.

É preciso deixar claro, por exemplo, que ao abordar a EFE no ambiente escolar não devemos focar apenas em uma perspectiva financeira/operacional, com o intuito de instruir os estudantes a respeito das melhores formas de pagamento ou a melhor opção de investimento.

Na ótica da EFE que defendemos, é preciso que no ambiente escolar aconteçam discussões sobre a forma como os modelos consumistas de desenvolvimento interferem na degradação do meio ambiente, a globalização e a sociedade de consumo, as imposições de padrões sociais e suas relações com o consumo de bens e produtos supérfluos, a organização das sociedades para manutenção das relações de poder, o consumo consciente dos recursos financeiros e naturais, entre outras questões que podem ser evidenciadas, para que o estudante seja capaz de analisar criticamente o contexto social no qual está inserido e tomar decisões conscientes e fundamentadas, que não leve em consideração apenas as vantagens e os aspectos matemáticos envolvidos.

Defendemos que o trabalho com a temática no ambiente escolar não pode ser feito única e exclusivamente pela lente disciplinar da Matemática. Muito embora a EFE apresente fortes relações com a Matemática Financeira (MF), é preciso envolver as demais áreas do conhecimento nesse processo de ensino e de aprendizagem, para tornar o estudante educado financeiramente como um sujeito ativo, capaz de atuar de forma consciente e crítica na sociedade em que está inserido.

Diante do exposto, a nossa questão de pesquisa é: ao direcionar o olhar e defender que o ensino da EFE seja baseado na perspectiva da transversalidade, a BNCC apresenta possibilidades de como o trabalho pode ser feito em cada área do conhecimento? Portanto, temos como objetivo identificar e analisar as habilidades que se aproximam da EFE na BNCC do Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) de forma transversal a todas as áreas de conhecimento. Além desta introdução, o presente artigo está organizado em seções. A primeira busca discutir a perspectiva de EFE adotada no presente estudo; na sequência, apresentamos a seção na qual detalhamos nossa metodologia e, por fim, a análise dos dados, seguido das considerações. A seguir, discutiremos os pressupostos teóricos que permeiam a EFE.

Educação financeira escolar

A EFE pode ser entendida como a relação crítica que estabelecemos com o dinheiro. Por exemplo, quando lidamos com situações de consumo, estamos envolvidos em uma situação de tomada de decisão, pois, levamos em consideração de que forma o nosso consumo pode impactar o meio ambiente e consideramos as relações extrínsecas e intrínsecas que permeiam

nossas relações de consumo em sociedade. Portanto, entendemos que a EFE vai além de orientações acerca do melhor uso dos recursos financeiros disponíveis.

Nossa realidade social “[...] torna-se cada vez mais complexa em diversos aspectos, um deles é o financeiro, a cada dia bancos e instituições financeiras utilizam estratégias variadas para atrair consumidores de bens e serviços [...]” (MELO; PESSOA, 2019, p. 488). Por este motivo, defendemos a importância de uma EFE que possibilite o desenvolvimento de uma consciência crítico-reflexiva frente às diversas questões e situações financeiras.

No Brasil, a EFE ganhou destaque há aproximadamente dez anos, com a publicação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Influenciado pelas orientações da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil busca oferecer serviços e orientações que visam educar financeiramente a população. O objetivo maior é que à medida que as pessoas forem educadas financeiramente isso reflita no desenvolvimento econômico do país. Os jovens também fazem parte do público-alvo dos programas de EF desenvolvidos pela ENEF. Dessa forma, a EFE se aproxima do ambiente escolar.

Várias iniciativas, ao longo dos anos, vêm sendo desenvolvidas pela ENEF e estas foram e são essenciais para que a EFE seja disseminada cada vez mais no território brasileiro, no entanto, ao analisarmos as instituições parceiras (Banco Central do Brasil, Comissão de Valores Mobiliários, Superintendência de Seguros Privados, Secretaria do Tesouro Nacional da Secretaria Especial de Fazenda do Ministério da Economia, Secretaria de Previdência da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, Superintendência Nacional de Previdência Complementar, Secretaria Nacional do Consumidor do Ministério da Justiça), percebemos que a perspectiva de EF da ENEF é previdenciária, de seguros e de produtos financeiros.

Tal perspectiva se torna mais evidente com a publicação do Decreto nº 10.393/2020, que substituiu o Decreto nº 7.397/2010. O novo decreto instituiu a nova ENEF e substituiu o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) pelo Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF). Ao fazermos uma análise comparativa entre os decretos, percebemos que enquanto o de 2010 abria espaço para que temas como cidadania, consumo consciente e tomada de decisão fossem abordados, o atual enfatiza veementemente a educação financeira securitária, previdenciária e fiscal. Estes são alguns tipos de EF, entretanto, não é o que defendemos que seja trabalhado nas escolas.

Somos favoráveis a uma EF que vá além das questões mercadológicas, e que seja pautada em um trabalho de formação cultural, social, política, econômica, ambiental e ética, por meio de um processo educativo, que favorece que estudantes sejam introduzidos no

universo do dinheiro, mas que desenvolvam uma consciência crítica e reflexiva e saibam tomar decisões frente às mais diversas questões financeiras, que tenham consciência das armadilhas do marketing, que consigam distinguir um desejo de uma necessidade, e que tenham consciência de que o consumismo gera consequências não apenas financeiras, mas de impacto no meio ambiente.

Temos consciência de que trabalhar com a EFE sempre será uma zona de risco, pois, discutir um tema que, diferentemente de muitos, não apresenta conteúdos delimitados, requer um investimento maior de tempo, planejamento e pesquisas por parte do docente que busca sair da zona de conforto que lhe cerca e trabalhar a temática, com vistas a desenvolver uma consciência crítica e reflexiva. Defendemos um ensino que se contraponha ao modelo bancário das instituições financeiras, que consiste em poupar para consumir posteriormente. Defendemos que o ensino da EFE deve ir além dessas questões, por meio de uma aprendizagem contextualizada.

Diante desse cenário, justifica-se a importância da inserção da EF no ambiente escolar, desde os anos iniciais da Educação Básica, pois, quanto mais cedo formos educados financeiramente, melhor. No entanto, é preciso analisar de que forma essa inserção está acontecendo, pois não devemos tratar da EFE apenas do ponto de vista mercadológico, os profissionais da área econômica já o fazem. Como profissionais da educação, precisamos investigar a EFE na sala de aula, a partir da perspectiva do ensino e da aprendizagem.

É preciso compreender a perspectiva de EFE adotada pelos documentos que orientam o que deve ser ensinado e quais as expectativas de aprendizagem para os estudantes ao final do processo de escolarização básica. O documento curricular mais recente que temos no Brasil é a BNCC, que orienta a construção dos currículos das redes e sistemas de ensino em todo o país, estabelecendo competências e habilidades básicas que o estudante deve dominar ao final do processo de escolarização. Além disso, influencia o planejamento e a prática dos educadores, a construção de materiais didáticos, em especial os livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Em resumo, as orientações contidas na BNCC refletem diretamente nos processos de ensino e de aprendizagem na sala de aula.

Embora a BNCC não deixe em evidência, acreditamos que há nas habilidades um potencial para emergir o trabalho com a EFE a partir do 1º ano do Ensino Fundamental, pois, temas como sustentabilidade, uso do dinheiro, planejamento e consumo consciente de recursos naturais e financeiros, podem estar presentes na sala de aula. Assim, concordamos com Silva e Powell (2013) que defendem a importância e recomendam o trabalho com a temática desde

cedo nas escolas, considerando o fato de que é importante que as pessoas sejam educadas financeiramente desde cedo. Nas palavras dos autores,

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (SILVA; POWELL, 2013, p. 12-13).

A inserção da EFE na BNCC representa um marco na trajetória da temática no nosso país, pois, o que antes havia começado com dicas de investimentos para uma parcela mínima da população brasileira, hoje, ganhou amplitude e tem alcançado crianças, jovens e adultos. Embora a EFE tenha uma forte relação com a MF, defendemos a importância de haver uma maior transversalidade entre as disciplinas, pois, diferentemente das demais áreas de conhecimentos que apresentam conteúdos previamente estabelecidos, a EFE não apresenta conteúdos consolidados e, portanto, permite existir uma flexibilidade nas áreas de conhecimentos, fazendo emergir um trabalho significativo e relevante, na e para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Dito isso, na próxima seção apresentaremos a metodologia da pesquisa.

Metodologia

Nosso método está organizado a partir dos pressupostos da pesquisa bibliográfica que, segundo Fonseca (2002, p. 46), “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico”, e, nas palavras de Gil (2010 p. 18), “possibilitam obter quantidade e qualidade de dados suficiente para a realização da pesquisa”. Utilizamos como fonte primária as orientações contidas na BNCC para o Ensino Fundamental – anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano).

Temos como objetivo identificar e analisar as habilidades que se aproximam da EFE na BNCC do Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) de forma transversal a todas as áreas de conhecimento. Realizamos a leitura completa das competências e habilidades de cada uma das áreas de conhecimento e de seus respectivos componentes curriculares, a saber: área de Linguagem – que inclui Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa; área de Matemática; área de Ciências da Natureza; área das Ciências Humanas

– que inclui Geografia e História, e a área do Ensino Religioso, buscando identificar menções, citações, indicações, orientações e outros elementos que se relacionem com a EFE.

Para discussão dos dados, optamos por utilizar a análise de conteúdo, que se refere a “um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferências às condições de produção” (BARDIN, 1977, p. 45). Essa técnica de análise permite fazer inferências e dialogar de forma crítica e reflexiva com os conteúdos que estão expostos nos documentos. “Através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 1994, p. 32).

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados obtidos após a análise crítica da BNCC do Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano).

Resultados e discussão

Nesta seção apresentamos os resultados da análise realizada. Propomo-nos a identificar e analisar as habilidades que se aproximam da EFE na BNCC do Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) de forma transversal a todas as áreas de conhecimento.

A Educação Financeira Escolar na área de Linguagens do Ensino Fundamental

Língua Portuguesa

A linguagem como prática social é um processo que se desenvolve no interior de ações interativas, pois, é por meio dela que o homem se constitui como sujeito. Na BNCC, a área de linguagens tem como principal objetivo garantir que os estudantes tenham autonomia para viver em sociedade. De acordo com o documento, é preciso que, desde cedo, os alunos compreendam a linguagem como construção humana, histórica e social, que explorem diversas práticas de linguagem e as utilizem para defender pontos de vistas que respeitem o outro e as diferentes manifestações culturais. É com base nessas recomendações que o componente curricular Língua Portuguesa se organiza nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Ao analisarmos as habilidades esperadas dos estudantes ano a ano, é possível perceber que o processo de ensino e aprendizagem está fortemente baseado nas práticas de alfabetização, letramento e multiletramentos, através da leitura, reflexão e produção de gêneros textuais. Para

a etapa do Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, a Língua Portuguesa tem como principal finalidade desenvolver uma consciência crítica e reflexiva nos estudantes para que eles sejam capazes de usar a língua (falada e escrita) e as diferentes linguagens, nas diversas atividades humanas.

Embora a BNCC não deixe claro, tampouco faça menção, encontramos em algumas habilidades potencial para emergir o trabalho com a EFE atrelado à Língua Portuguesa. Identificamos tais habilidades no quadro a seguir:

Quadro 1 – Habilidades identificadas em Língua Portuguesa com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
1º e 2º	(EF12LP12) Escrever, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, slogans, anúncios publicitários e textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil, dentre outros gêneros do campo publicitário, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.
	(EF12LP15) Identificar a forma de composição de slogans publicitários.
3º	(EF03LP19) Identificar e discutir o propósito do uso de recursos de persuasão (cores, imagens, escolha de palavras, jogo de palavras, tamanho de letras) em textos publicitários e de propaganda, como elementos de convencimento.
	(EF03LP21) Produzir anúncios publicitários, textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil, observando os recursos de persuasão utilizados nos textos publicitários e de propaganda (cores, imagens, slogan, escolha de palavras, jogo de palavras, tamanho e tipo de letras, diagramação).
4º e 5º	(EF04LP09) Ler e compreender, com autonomia, boletos, faturas e carnês, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero (campos, itens elencados, medidas de consumo, código de barras) e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.
6º e 7º	(EF67LP13) Produzir, revisar e editar textos publicitários, levando em conta o contexto de produção dado, explorando recursos multissemióticos, relacionando elementos verbais e visuais, utilizando adequadamente estratégias discursivas de persuasão e/ou convencimento e criando título ou slogan que façam o leitor motivar-se a interagir com o texto produzido e se sinta atraído pelo serviço, ideia ou produto em questão.
8º e 9º	(EF89LP11) Produzir, revisar e editar peças e campanhas publicitárias, envolvendo o uso articulado e complementar de diferentes peças publicitárias: cartaz, banner, indoor, folheto, panfleto, anúncio de jornal/revista, para internet, spot, propaganda de rádio, TV, a partir da escolha da questão/problema/causa significativa para a escola e/ou a comunidade escolar, da definição do público-alvo, das peças que serão produzidas, das estratégias de persuasão e convencimento que serão utilizadas.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Como podemos observar no quadro acima, identificamos em cada ano de escolaridade habilidades com potencial para emergir um trabalho relacionando a Língua Portuguesa com a

EFE. Entretanto, é preciso ressaltar e deixar claro que essa relação só é possível de acontecer a partir da leitura e interpretação do professor, pois, pelo fato de não haver na BNCC uma orientação explícita que aponte para este caminho, esse liame pode passar despercebido.

Tanto nos anos iniciais (1º ao 5º ano) quanto nos finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, as habilidades destacadas apresentam um ponto em comum: todas elas apontam o trabalho com textos publicitários, entretanto, do 1º ao 5º ano é orientado ao professor que no Campo da vida pública, os estudantes sejam imersos em “situações de leitura e escrita, especialmente de textos das esferas jornalística, publicitária, política, jurídica e reivindicatória, contemplando temas que impactam a cidadania e o exercício de direitos” (BRASIL, 2018, p. 104) e que do 6º ao 9º ano, no Campo jornalístico-midiático os alunos sejam capazes de “compreender as formas de persuasão do discurso publicitário, o apelo ao consumo, as diferenças entre vender um produto e “vender” uma ideia, entre anúncio publicitário e propaganda” (BRASIL, 2018, p.141), como podemos observar, por exemplo, na habilidade (EF67LP13) do 6º e 7º ano.

Acreditamos que a BNCC, ao apontar que o trabalho com a Língua Portuguesa, contemple temas cotidianos, possibilita que aspectos relacionados à EFE sejam tratados nas aulas desse componente curricular. Frequentemente citado nas habilidades destacadas, o texto publicitário é o protagonista do processo de ensino e aprendizagem, entretanto, para além de tratar de aspectos linguísticos e gramaticais, os textos publicitários, por si só, já ensejam um trabalho com a EFE. Ao colocar o estudante na condição de produtor, a habilidade não só permite que o aluno analise, mas saiba na prática como funciona o processo de elaboração e as técnicas de convencimento para despertar os desejos de consumo.

Pelo viés da EFE que defendemos, pelo fato de os textos publicitários estarem presentes no dia a dia dos estudantes e das pessoas de um modo geral, é possível desenvolver dentro da sala de aula, uma consciência crítica e reflexiva sobre a influência das mídias e das propagandas nas decisões de consumo, a relação desejo *versus* necessidade, a tomada de decisão autônoma e responsável e as armadilhas do consumismo.

Neste tópico, vimos como o componente curricular Língua Portuguesa contribui para o trabalho com a EFE. A seguir discutiremos se há, nas habilidades de Arte, um potencial para emergir o trabalho com a EFE.

Arte

Para a etapa do Ensino Fundamental – anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) –, a BNCC propõe que o componente curricular Arte seja trabalhado de forma a “contribuir para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania” (BRASIL, 2018, p. 195).

Para que isso seja possível – de acordo com o que é indicado nas orientações – o ensino deve garantir que os estudantes analisem criticamente práticas e produções artísticas e culturais, problematizem questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais e estabeleçam “relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade” (BRASIL, 2018, p. 198). Nessa perspectiva, indagamo-nos: ao relacionar a arte com a mídia, mercado e consumo, a BNCC estaria abrindo espaço para o trabalho com a EFE? De um modo geral, quando realizamos uma análise mais detalhada, percebemos que essa relação não aparece explícita no documento, contudo, identificamos uma habilidade, com potencial para o trabalho com a temática.

Quadro 2 – Habilidade identificada em Arte com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
6º ao 9º	(EF69AR31) relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

No 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, não foram identificadas nas habilidades uma aproximação entre o ensino da Arte e a EFE. Não ter encontrado essa relação, não invalida o nosso estudo, pois acreditamos que há áreas que contribuem para que esse elo aconteça com mais afinco do que outras.

Nesse sentido, em nossas análises, percebemos que enquanto as habilidades do 1º ao 5º ano voltam-se para o desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal, a fim de que estudantes desenvolvam competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, as do 6º ao 9º ano têm como objetivo possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas no seio da sociedade. Tais vivências dizem respeito ao que está descrito na habilidade (EF69AR31).

Numa primeira leitura, poderíamos pensar: que aproximações existem entre a habilidade apresentada acima e as discussões em torno da EFE? Como pesquisadores e educadores,

acreditamos que, pelo fato de a arte possibilitar o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica dos indivíduos, é imprescindível que o sujeito invista em sua formação cultural para atuar na sociedade, ou seja, quanto mais culturalmente o ser humano for educado, ele terá autonomia para refletir, colocar-se e tomar decisões conscientes e fundamentadas na esfera social, cultural, política e econômica.

Sabemos que investir em arte, cultura e conhecimento é algo subjetivo e relativo, que varia de indivíduo para indivíduo, pois, o que para uma pode ser necessário, para outro pode não ser, e isso nos faz refletir que esse aspecto pode estar relacionado diretamente com os níveis de capital cultural que os indivíduos possuem, pois, a forma como as pessoas usam o dinheiro varia de acordo com sua realidade socioeconômica e com a ordem de prioridade que elas estabelecem. Há aqueles que o utilizam para atender um desejo em curto, médio ou longo prazo, enquanto há outros que o empregam para ter uma estabilidade econômica investindo em bens e/ou serviços.

Na perspectiva da EFE, o dinheiro tanto pode ser usado para atender uma necessidade, quanto um desejo, porque não há uma “receita pronta” que instrua o indivíduo sobre os passos que ele deve seguir. Em sala de aula, discutimos e promovemos reflexões, mas a decisão sobre o que fazer é do próprio indivíduo, pois, partimos do princípio de que eles têm autonomia para fazer escolhas e tomar suas próprias decisões. Assim, tendo sido feitas as devidas considerações sobre a contribuição do componente curricular Arte para a EFE, na próxima seção apresentamos o diálogo entre a EFE e a Educação Física.

Educação Física

Na BNCC, a Educação Física é um componente curricular que, de acordo com as orientações, possibilita o enriquecimento das experiências dos estudantes por meio do universo cultural, pautado em saberes corporais, experiências estéticas, afetivas, lúdicas e agonistas. Segundo o documento, o ensino da Educação Física nos anos iniciais (1º ao 5º) e finais (6º ao 9º) do Ensino Fundamental deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de dez competências específicas, que dentre elas destacamos: “identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, *analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas*” (BRASIL, 2018, p. 223) (Grifos nossos). Ao tratar de padrões estéticos disseminados pela mídia, estaria a BNCC abrindo espaço para uma possível discussão com a EFE? Embora a BNCC não faça menção, em nossas análises, identificamos habilidades em que é possível emergir um diálogo entre a Educação Física e a EFE.

Do ponto de vista do que discutimos até aqui, a BNCC ao abrir espaço para essas discussões, possibilita que o docente faça um contraponto com a EFE. Não necessariamente em sala de aula o professor precisa fazer menção a respeito da temática, mas, acreditamos que ao discutir sobre a influência das mídias e das propagandas nos padrões de consumo, beleza, saúde e estética corporal, estará presente no processo de ensino e aprendizagem um trabalho com a EFE.

Na perspectiva crítica, reflexiva e política de EFE que defendemos, é imprescindível haver no ambiente escolar e/ou familiar discussões sobre a influência da mídia no que consumimos, vestimos e fazemos. Hoje, mais do que nunca, vivemos em uma sociedade que preza pelo culto ao corpo perfeito. A mídia não poupa esforços para divulgar conteúdos que geram estereótipos e ideais que influenciam nossa forma de pensar e agir. O que se apresenta nos meios de comunicação são as marcas de uma sociedade que busca traçar e moldar o processo de identidade cultural, excluindo tudo que não se encaixa nos padrões estabelecidos.

Essa discussão nos leva a perceber que vivemos um dos sintomas da sociedade líquida moderna, em que as pessoas são movidas pelo consumismo, pela sedução capitalista e pela ilusão do ter. A esse respeito, Bauman (2008) chama atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que a sociedade de consumo atribui poder às pessoas para que se sintam bem enquanto comprem, elas são vistas como mercadoria, pois, segundo ele, “[...] a característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadoria” (BAUMAN, 2008, p. 20).

Fazendo uma analogia com os escritos de Bauman (2008), acreditamos que uma das formas de não nos deixarmos ser transformados em mercadorias é refletir sobre as influências que a mídia exerce em nossas decisões de consumo. Defendemos que o trabalho com a EFE representa um importante caminho para fazer com que os alunos e as pessoas de um modo geral reflitam sobre esses aspectos, pois, embora a mídia imponha seu estereótipo de beleza, educação, cultura e justiça, uma pessoa informada e educada financeiramente de forma crítica consegue pensar por si só e tomar suas próprias decisões.

No próximo tópico apresentamos nossa análise a respeito do diálogo entre a Língua Inglesa e a EFE na BNCC para o Ensino Fundamental.

Língua Inglesa

As linguagens sempre têm um papel importante em temas transversais. A ideia de argumentar e formar para o letramento, como propõe a BNCC, exige como pré-requisito cuidar

para que dentro de qualquer decodificação estejam atrelados o entendimento e a análise crítica. Dito isto, queremos mostrar que linguagens estrangeiras também podem/devem fazer uso de contextos sociais quando oportuno, para que dentro de suas necessidades específicas deem conta das amplas necessidades do mundo.

Apesar de não termos encontrado nenhuma habilidade com relação direta, advogamos que é possível tal relação caso haja intenção do professor e guiado pelo que apresentamos nos parágrafos acima.

Na próxima seção passaremos a apresentar e discutir o diálogo entre a Matemática e a EFE na BNCC para o Ensino Fundamental.

A Educação Financeira Escolar na área de Matemática do Ensino Fundamental

Matemática

Na área de Matemática, a BNCC propõe cinco unidades temáticas (Números, Álgebra, Geometria, Grandezas e Medidas, Probabilidade e Estatística) que orientam a formulação de habilidades a serem desenvolvidas ao longo da etapa do Ensino Fundamental.

No que se refere à EFE, do 1º ao 4º ano, podemos perceber as habilidades que estão relacionadas no quadro a seguir.

Quadro 3 - Habilidades identificadas em Matemática do 1º ao 4º ano com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
1º	(EF01MA19) Reconhecer e relacionar valores de moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações simples do cotidiano do estudante.
2º	(EF02MA20) Estabelecer a equivalência de valores entre moedas e cédulas do sistema monetário brasileiro para resolver situações cotidianas.
3º	(EF03MA24) Resolver e elaborar problemas que envolvam a comparação e a equivalência de valores monetários do sistema brasileiro em situações de compra, venda e troca.
4º	(EF04MA25) Resolver e elaborar problemas que envolvam situações de compra e venda e formas de pagamento, utilizando termos como troco e desconto, enfatizando o consumo ético, consciente e responsável.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Como pode ser observado, as habilidades indicam a abordagem da EFE com o objetivo de desenvolver nos estudantes o reconhecimento das cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro, a equivalência de valores, a resolução de problemas e a inserção no universo das compras e do consumo consciente e responsável. Do nosso ponto de vista, acreditamos que o

trabalho com o sistema monetário, por si só, não garante que a EFE seja discutida, pois, em muitos casos, isso depende da postura adotada pelo professor para seleção dos conteúdos e para possibilitar uma discussão contextualizada, crítica e reflexiva no ambiente escolar.

Além de abordar nossa relação com o dinheiro, podemos perceber nas orientações da habilidade do 4º ano que também é papel da EFE subsidiar discussões a respeito do consumo consciente, da influência que a mídia exerce em nossas escolhas diárias, auxiliar na reflexão sobre desejo versus necessidade e sobre o impacto ambiental que algumas escolhas podem causar (PESSOA, 2016).

A habilidade (EF04MA25), no Quadro 3, referente ao 4º ano apresenta orientações para a realização de ambientes de compra e venda, formas de pagamento, desconto, consumo ético, consciente e responsável. Acreditamos que esse é um fator positivo, à medida que representa caminhos para desenvolver o fortalecimento da cidadania, auxiliando os estudantes no processo de tomada de decisões financeiras, autônomas, fundamentadas e conscientes. A habilidade representa um avanço nas orientações sobre a EFE nos anos iniciais, já que até então as orientações nos anos anteriores estavam relacionadas, sobretudo, ao sistema monetário (VIEIRA; MELO; PESSOA, 2020).

No 5º ano do Ensino Fundamental é a primeira vez em que o termo EF é mencionado de forma explícita na área de Matemática. Para esse ano, assim como para os demais que seguem, a temática é apresentada na unidade “números”. O documento apresenta a seguinte indicação:

Quadro 4 – Habilidade identificada em Matemática no 5º ano, com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano	Habilidade
5º	(EF05MA06) Associar as representações 10%, 25%, 50%, 75% e 100% respectivamente à décima parte, quarta parte, metade, três quartos e um inteiro, para calcular porcentagens, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação financeira, entre outros.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Diferentemente da organização curricular do 1º ao 4º ano, a partir do 5º ano, há uma ênfase e uma indicação de trabalho com a EFE associada a conteúdo da Matemática Financeira, como cálculo de porcentagens. É preciso deixar claro que, por mais que saibamos da importância dos conceitos matemáticos para a aplicação e análise de dados financeiros em geral, defendemos que o trabalho com a EFE não deve se limitar a contextos para aplicação de conteúdos matemáticos. Assim, compactuamos com Muniz (2016) quando afirma que o ensino

da EFE no ambiente escolar não deve estar atrelado exclusivamente à Matemática, mas aos diferentes campos do conhecimento e a diferentes contextos e comportamentos sociais e que o processo de ensino e aprendizagem deve ser uma via de mão dupla entre o ensino da Matemática e de situações financeiras, ou seja, a Matemática auxilia nas reflexões e tomadas de decisões financeiras e a EFE dá suporte para aplicar e compreender a Matemática em nossa realidade.

Para os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), a BNCC indica que é preciso considerar as experiências e estabelecer inter-relação com os conhecimentos matemáticos já vivenciados pelos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que ao longo do processo de ensino e aprendizagem, os estudantes desenvolvam ideias mais aprofundadas e complexas. Para os 6º, 7º, 8º e 9º anos, temos as orientações apresentadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Habilidades identificadas em Matemática anos finais com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
6º	(EF06MA13) Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com base na ideia de proporcionalidade, sem fazer uso da “regra de três”, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação financeira, entre outros.
7º	(EF07MA02) Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, como os que lidam com acréscimos e decréscimos simples, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, no contexto de educação financeira, entre outros.
8º	(EF08MA04) Resolver e elaborar problemas, envolvendo cálculo de porcentagens, incluindo o uso de tecnologias digitais. ¹
9º	(EF09MA05) Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Há presença de indicações de situações e/ou contextos da EFE para resolução e elaboração de problemas de porcentagem nos anos finais do Ensino Fundamental. No entanto, algumas considerações precisam ser realizadas a esse respeito.

¹ Nas orientações do 8º ano do Ensino Fundamental não encontramos nenhuma menção ao trabalho com a EFE explicitamente. No entanto, acreditamos que a habilidade (EF08MA04), por envolver problemas de porcentagem, pode possibilitar um campo de discussão para a EFE nesse ano escolar, desde que o professor crie situações e contextos de EFE a partir dos problemas. Portanto, embora não fale diretamente de EF, há potencial para um trabalho com a temática, dependendo da abordagem do professor.

Orientações como “*ênfatizando o consumo ético, consciente e responsável*”, presentes na habilidade do 4º ano não aparecem em nenhum momento nas habilidades dos anos finais. Essa abordagem é substituída pela perspectiva de resolver e elaborar problemas de porcentagem que envolvam o cálculo mental ou por meio de calculadora e que por acaso utilizam como plano de fundo situações de EFE.

Ou seja, em Matemática anos finais, as habilidades destacadas, da forma como estão colocadas, possivelmente não conduzem para uma abordagem crítica/reflexiva pelos estudantes diante das situações financeiras apresentadas, a não ser que o professor trabalhe esta abordagem por sua iniciativa. Este dado vai de encontro a crenças de que a EFE é explicitamente trabalhada na Matemática, o que não é evidenciado em uma análise mais minuciosa (VIEIRA; MELO; PESSOA, 2020). O papel do professor é fundamental para que a temática seja explorada na sala de aula e, para isso, tanto na Matemática quanto nas demais áreas do conhecimento, processos de formação são necessários.

A seguir apresentaremos e discutiremos o diálogo entre a área de Ciências da Natureza e a EFE na BNCC para o Ensino Fundamental.

A Educação Financeira Escolar na área de Ciências da Natureza do Ensino Fundamental

Ciências

Sobre a proposta de ciências para anos iniciais e finais, a BNCC, diante de nosso esmiuçar, indica em linhas gerais que “pretende-se cuidar de questões políticas, ambientais e culturais e dos desafios do mundo contemporâneo e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 324). Essa condução tratará sobre diversas frentes dessa área. Essa orientação geral é seguida por uma ideia de que se deve na ação individual e coletiva prezar por respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões baseadas em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 324).

Tal sugestão indica o quanto as Ciências da Natureza pretendem formar para uma análise crítica de mundo, com intervenções proativas e cuidadosas com o espaço individual e coletivo. É possível observar, ainda, que tais expectativas percorrem um caminho que se aproxima em ideias do que também discutimos como perspectivas da Educação Financeira Escolar. Fica evidente que apenas a apresentação da área, mesmo em nosso recorte, oferece poucos elementos para delimitarmos em que momento podemos aproximá-la da EFE. Para esse

alinhamento, direcionamos nosso olhar para as habilidades e em seguida teremos outros desdobramentos para analisar.

Quadro 6 – Habilidades identificadas em Ciências com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
1º	(EF01CI01) Comparar características de diferentes materiais presentes em objetos de uso cotidiano, discutindo sua origem, os modos como são descartados e como podem ser usados de forma mais consciente.
5º	(EF05CI05) Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana.
7º	(EF07CI05) Discutir o uso de diferentes tipos de combustível e máquinas térmicas ao longo do tempo, para avaliar avanços, questões econômicas e problemas socioambientais causados pela produção e uso desses materiais e máquinas.
	(EF07CI06) Discutir e avaliar mudanças econômicas, culturais e sociais, tanto na vida cotidiana quanto no mundo do trabalho, decorrentes do desenvolvimento de novos materiais e tecnologias (como automação e informatização).
8º	(EF08CI01) Identificar e classificar diferentes fontes (renováveis e não renováveis) e tipos de energia utilizados em residências, comunidades ou cidades.
	(EF08CI05) Propor ações coletivas para otimizar o uso de energia elétrica em sua escola e/ou comunidade, com base na seleção de equipamentos segundo critérios de sustentabilidade (consumo de energia e eficiência energética) e hábitos de consumo responsável.
	(EF08CI06) Discutir e avaliar usinas de geração de energia elétrica (termelétricas, hidrelétricas, eólicas etc.), suas semelhanças e diferenças, seus impactos socioambientais, e como essa energia chega e é usada em sua cidade, comunidade, casa ou escola.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

É possível observar no Quadro 6 que, nos anos iniciais do 1º ao 5º ano, encontramos uma quantidade menor de habilidades, sendo observadas apenas duas, enquanto nos anos finais, do 6º ao 9º ano, encontramos cinco habilidades que consideramos com potencial para trabalhar a EFE. Para nossa análise nos deteremos a debater uma habilidade de cada etapa a fim de apontarmos aproximações com a EFE.

Conseguimos identificar já no início dos anos iniciais que a habilidade (EF01CI01) tem uma estreita relação com uma perspectiva de mundo cuidadosa, que mais do que meditar nos

desejos de compra e aspectos financeiros, se preocupa com a sua origem e com o meio ambiente. Tais traços estão imbricados com a EFE que defendemos. A outra habilidade dos anos iniciais, pertencente ao 5º ano, também propõe uma discussão muito próxima à que mencionamos acima, envolvendo ideias de descarte, reutilização e reciclagem.

Nos anos finais, as cinco habilidades estão com preocupações muito associadas aos avanços e dificuldades decorrentes dos materiais e tecnologias contemporâneas, de forma que, na nossa análise, comentar sobre uma é também dar conta de abranger a proposta das demais.

Escolhemos analisar a habilidade (EF07CI05). Tal habilidade convida a uma reflexão cotidiana relativa a combustíveis fósseis e seus danos ao meio ambiente. Na encruzilhada em que são postos o avanço econômico e a qualidade de vida coletiva, não temos dúvida de qual tem sido a opção amplamente escolhida. No entanto, qual o preço por tal escolha? Essa retórica pode ser exemplificada todas as vezes que abastecemos e escolhemos um combustível fóssil em detrimento do renovável, confirmamos, dessa forma, nossa postura social. Toda essa análise de consciência pertence ao que está proposto para o estudo de Ciências da Natureza e ao que pretendemos discutir em Educação Financeira Escolar.

Assim, podemos reforçar que “entendemos que a EFE não se trata de um tema isolado, e sim de um emaranhado de conexões com temas matemáticos, não matemáticos e sociais” (AZEVEDO, 2019, p. 28).

A seguir serão discutidos os possíveis diálogos entre as Ciências Humanas e a EFE na BNCC para o Ensino Fundamental.

A Educação Financeira Escolar na área de Ciências Humanas do Ensino Fundamental

Geografia

No que se refere à Geografia destacamos a presença de discussões que permeiam a EFE em habilidades do 2º, 3º, 4º, 7º e 9º anos. A seguir, no Quadro 7, apresentamos as habilidades referentes aos anos iniciais nas quais identificamos potencial para o trabalho com a EFE.

Quadro 7 – Habilidades identificadas em Geografia anos iniciais com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
2º	(EF02GE07) Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais.
	(EF02GE11) Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre

	outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo.
3º	(EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reuso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno.
	(EF03GE09) Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos.
	(EF03GE11) Comparar os impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas.
4º	(EF04GE08) Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias primas), circulação e consumo de diferentes produtos.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

No que se refere ao ensino da Geografia no Ensino Fundamental, a BNCC destaca que deve “estimular os alunos a desenvolver uma melhor compreensão do mundo, não só favorecendo o desenvolvimento autônomo de cada indivíduo, como também os tornando aptos a uma intervenção mais responsável no mundo em que vivem” (BRASIL, 2018, p. 353).

As habilidades destacadas do 2º, 3º e 4º anos fazem parte da unidade temática “Natureza, ambientes e qualidade de vida” que nos anos iniciais tem o objetivo que os alunos reconheçam como as diferentes comunidades transformam a natureza e os impactos socioambientais provenientes dessas transformações.

Ao discutir os conceitos geográficos, mobilizando o pensamento espacial e analisar as informações geográficas, os alunos podem reconhecer, principalmente, a desigualdade no uso dos recursos naturais pela população e a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos. Como podemos observar nas habilidades destacadas no Quadro 7, mesmo que não colocadas de forma explícita, percebemos que ao tratar do consumo dos recursos naturais nas aulas de Geografia estamos tratando também de discussões que permeiam a EFE.

Entendemos que o termo *consumo consciente* perpassa tanto a abordagem da EFE quanto da Geografia. Se pensarmos a partir do ponto de vista da sustentabilidade ele pode ser entendido como a melhor forma de utilizar os recursos naturais para o desenvolvimento do planeta, enquanto pelo viés econômico-financeiro, podemos defini-lo como a realização de gastos necessários para o nosso bem estar. No entanto, as discussões não podem acontecer de forma isolada, precisamos estimular o estudante a perceber que não adianta uma boa gerência dos recursos financeiros

individuais se não pensarmos também na gestão dos recursos naturais e coletivos. A má gerência destes afeta diretamente a oferta de alguns produtos e serviços, interferindo também em nossa qualidade de vida.

Na análise das habilidades dos anos finais identificamos aproximações com as habilidades dos anos iniciais, como podemos perceber no quadro a seguir.

Quadro 8 – Habilidades identificadas em Geografia anos finais com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
7º	(EF07GE06) Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares.
9º	(EF09GE02) Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Enquanto nos anos iniciais a abordagem das habilidades propõe que os estudantes sejam estimulados a refletir acerca das atividades cotidianas e de como interferem no consumo dos recursos naturais, nos anos finais as “noções ganham dimensões conceituais mais complexas, de modo a levar os estudantes a estabelecer relações mais elaboradas, conjugando natureza, ambiente e atividades antrópicas em distintas escalas e dimensões socioeconômicas e políticas” (BRASIL, 2018, p. 364).

Por exemplo, na habilidade prevista para o 9º ano o professor pode abordar e discutir a atuação da OCDE em relação ao desenvolvimento das ações estabelecidas internacionalmente com vistas a auxiliar os países membros e parceiros no desenvolvimento econômico e social, inclusive as estratégias ligadas às ações de EFE. De acordo com o que entendemos em relação ao conceito da EFE, ao levar para a sala de aula tal discussão, é preciso realizar uma análise crítica do tipo de EFE que organizações como a OCDE apresentam e que muitas vezes servem apenas para manutenção da concentração de poder por determinados grupos sociais.

A concentração de riquezas por uma pequena parcela da sociedade também faz parte das discussões da EFE e podemos perceber que esse diálogo acontece também com a habilidade do 7º ano, vista no Quadro 8. Os estudantes devem investigar, discutir e analisar criticamente como o nosso consumo individual faz parte de uma teia bem maior na sociedade capitalista e que estamos, mesmo que indiretamente, contribuindo para os impactos ambientais ao consumir determinados produtos ou ao considerar apenas o valor financeiro atrelado a ele, por exemplo.

A seguir discutimos a respeito do diálogo entre o Ensino Religioso e a EFE na BNCC para o Ensino Fundamental.

A Educação Financeira Escolar no Ensino Religioso do Ensino Fundamental

Ensino Religioso

Sempre é possível aproximar-se do que consideramos práticas formativas em EFE, e com o ensino religioso não é diferente. De antemão aproveitamos para lembrar que é oportuno uma certa prudência ao indicar-se quais conceitos estão próximos ao nosso objeto, de forma a não forçarmos uma relação que não exista. Também é importante considerarmos que dado o caráter subjetivo das inter-relações que podem ser criadas em sala de aula, em contextos diversos, cada professor pode encontrar outras aproximações que não foram propostas aqui ou seguir um caminho alternativo.

No ensino religioso, a BNCC propõe que o ensino problematize "representações sociais preconceituosas sobre o outro, com o intuito de combater a intolerância, a discriminação e a exclusão" (BRASIL, 2018, p. 436). A intolerância, a discriminação e a exclusão social podem também estar relacionadas a aspectos financeiros e, portanto, devem ser vistas como elementos a serem considerados em nossa apreciação. Após essa investigação, encontramos e colocamos no quadro abaixo uma habilidade com potencial para nossa discussão.

Quadro 9 – Habilidade identificada em Ensino Religioso com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
8º	(EF08ER04) Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia).

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Em nossa análise não encontramos nenhuma habilidade nos anos iniciais e apenas uma nos anos finais. A habilidade (EF08ER04), indicada no Quadro 9, precisa cautelosamente ser examinada. É importante que, enquanto formadoras de opiniões, de conceitos e de caráter, tanto a religião quanto a escola possibilitem diálogos que formem para um mundo melhor.

Pensando assim, consideramos que ao discutir como tradições e instituições religiosas podem influenciar na economia, existe um espaço que pode/deve ser ocupado e que se aproxima do que discutimos como Educação Financeira Escolar com uma perspectiva crítica. Não queremos com isso ditar o certo ou o errado, mas sim possibilitar que, como analistas de mundo, os estudantes devam ser convidados a raciocinar sobre o conceito cultural a que eles pertencem e

que influências podem ter em suas ações e, portanto, na economia cotidiana ou ainda na economia em uma esfera maior, compreendendo o papel da religião no conceito de macroeconomia e seus desdobramentos.

Discutir desigualdade social e miséria pode contribuir para uma análise crítica de mundo. Percebemos aqui uma possível aproximação com a Educação Financeira Escolar. É fácil identificar exemplos exitosos em campanhas de cunho social, que visam ao bem comum, quando por exemplo um movimento sugere arrecadar alimentos para ajudar pessoas em vulnerabilidade social precisa ser reconhecido como uma atitude benéfica que sugere ajudar o próximo.

Não pretendemos aqui avançar nesse diálogo, mas sim, semeando um exemplo, que haja progresso em outras propostas com incentivo a outras apreciações e desdobramentos com conexões novas ou já existentes.

No próximo tópico apresentamos nossa análise a respeito do diálogo entre História e a EFE na BNCC para o Ensino Fundamental.

História

Em História, a BNCC orienta que os alunos sejam levados a compreenderem os acontecimentos históricos, as relações de poder e os processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo (BRASIL, 2018). Na nossa ótica a EFE pode ser abordada, quando há uma discussão a respeito da construção social e de como as relações humanas (incluindo as relações de consumo) foram e são construídas historicamente. Desse modo, identificamos e apresentamos no quadro a seguir as habilidades com potencial para o trabalho com elementos que permeiam a EFE.

Quadro 10 – Habilidades identificadas em História com potencial para o trabalho com a Educação Financeira Escolar

Ano(s)	Habilidade(s)
3º	(EF03HI08) Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
8º	(EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas.
9º	(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.
	(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.
	(EF09HI06) Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

De acordo com as habilidades destacadas, podemos perceber que o diálogo da História com a EFE acontece a partir do trabalho com perspectiva histórica estabelecida para manutenção do *status quo* da sociedade. É imprescindível que ao tratarmos da EFE em uma perspectiva ampla, falemos de poder e de sua relação com as diferentes classes sociais. “Um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem [...]” (BRASIL, 2018, p. 400). O sujeito crítico, que quer melhorar sua relação com o mundo, pensando a partir do aspecto financeiro, não pode abrir mão de entender sua história, o como chegamos, onde estamos e para qual lugar vamos.

Considerações finais

Enfatizamos que, para além de discutir sobre o que fazer com o dinheiro, a perspectiva de EFE que defendemos se preocupa com os aspectos políticos e sociais que permeiam nossa vida em sociedade. Assim, concordamos com Muniz (2015, p. 3) quando afirma que “questões como democracia, justiça social, trabalho escravo, exploração de recursos naturais não renováveis e degradação ambiental são temas transversais e relevantes na concepção de uma educação financeira escolar que contribua de fato para a cidadania”. Desse modo, defendemos que o ensino da EFE não esteja atrelado puramente a uma perspectiva bancária, mas que vá além, com discussões em uma perspectiva cultural, social, política e ambiental.

Diante dessa perspectiva de trabalho com a EFE e apoiados em documentos oficiais, preocupamo-nos em esmiuçar como a BNCC e seus temas contemporâneos transversais conduzem sugestões para o trabalho do professor.

Nessa direção, estabelecemos como objetivo de nosso trabalho, identificar e analisar as habilidades que se aproximam da EFE na BNCC do Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano) de forma transversal a todas as áreas de conhecimento. Conseguimos identificar possibilidades de trabalho em todas as áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, nos componentes Língua Portuguesa, Artes, Educação Física, Matemática, Ciências, Geografia, História e Religião. Não conseguimos identificar explicitamente nenhuma relação com EFE em Língua Inglesa. Conseguimos ainda analisar algumas das habilidades encontradas, abordando suas possibilidades de trabalho com a EFE. Cabe destacar que as relações entre as habilidades encontradas e analisadas e a EFE ocorrerá a partir das intervenções docentes e para isso reforçamos a importância e a necessidade que haja formação de professores para o trabalho com a temática.

Por fim, reforçamos que, da maneira que concebemos a EFE, ela pode e deve existir em sala de aula, sempre que algum conceito a toque, haja vista o que apresentamos como importante em relação ao ponto de vista documental, conceitual e cotidiano. Com isso, queremos ainda deixar aberto nosso diálogo para que outros professores possam identificar habilidades não explicitadas aqui, formas diversas de trabalho, bem como nos componentes curriculares não identificados em nosso olhar, que o professor manifeste sua curiosidade e criatividade e encontre caminhos diversos de trabalho, que até o presente momento não foram explorados.

Referências

AZEVEDO, S. S. **Educação financeira nos livros didáticos de matemática dos anos finais do ensino fundamental**. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Centro de Educação da UFPE, Recife, 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Temas contemporâneos Transversais na BNCC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, D. P. **Educação financeira e matemática financeira**: compreendendo possibilidades a partir de um grupo de estudo com professores do ensino médio. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Centro de Educação da UFPE, Recife, 2019.

MELO, D. P.; PESSOA, C. A. S. Educação Financeira no Ensino Médio: Possibilidades. **ReBECem**, Cascavel, (PR), v.3, n.2, p. 488-513, ago. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339994652_Educacao_financeira_no_ensino_medio_possibilidades/link/5e74d113a6fdcc634786539f/download Acesso em 14 set. 2020.

MENDONÇA, J. M. **Educação financeira escolar na educação infantil**: análise das atividades de material utilizado na Rede Municipal de Ensino do Recife. 2020. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Centro de Educação da UFPE, Recife, 2020.

MINAYO, C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNIZ, I. Situações Financeiras e Ambientes de Aprendizagem: Perspectivas para o Ensino Médio. **Boletim do LABEM**, ano 6, n. 10, jan/jun de 2015.

MUNIZ, I. Educação Financeira e a sala de aula de Matemática: Conexões entre a pesquisa acadêmica e a Prática Docente. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, XII, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: SBEM, 2016. p. 2-3.

PESSOA, C. A. S. Educação Financeira: O que tem sido produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil? In: CARVALHÊDO, J.; CARVALHO, M. V.; ARAUJO, F. (orgs.). **Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil**: realidades e possibilidades. Teresina: EDUPI, 2016. E-book. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/67970954/trabalhos-encomendados-e-book>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SANTOS, L. T. **Educação financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental**: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores? 2017. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Centro de Educação da UFPE, Recife, 2017.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. XI Encontro Nacional de Educação Matemática. **Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática**, Curitiba, 2013.

VIEIRA, G. S. **Educação financeira e tomada de decisão**: significados produzidos por estudantes do 5º ano do ensino fundamental. 2021.191f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Centro de Educação da UFPE, Recife, 2021.

VIEIRA, G. S.; MELO, D. P.; PESSOA, C. A. S. Educação Financeira na BNCC: Quais as orientações? **Anais**, [...] Mato Grosso, 2020. Disponível em:
<https://matematicanaescola.com/eventos/index.php/ienopem/ienopem/paper/viewFile/51/28>

Recebido em 8 de maio de 2021
Aprovado em 7 de junho de 2021